



Centro Universitário de Brasília - UniCeub
Faculdade de Ciências da Educação e Saúde - FACES

Fernanda Menezes Marraccini

**A vivência da melancolia na contemporaneidade: uma análise da
produção musical de Renato Russo**

Brasília
2015

Fernanda Menezes Marraccini

**A vivência da melancolia na contemporaneidade: uma análise da
produção musical de Renato Russo**

Monografia apresentada à Faculdade de
Psicologia do Centro Universitário de Brasília
– UniCEUB como requisito parcial à
conclusão do curso de Psicologia.

Orientadora: Prof. Dra. Tania Inessa Martins
de Resende

Brasília

2015

Fernanda Menezes Marraccini

**A vivência da melancolia na contemporaneidade: uma análise da
produção musical de Renato Russo**

Monografia apresentada à Faculdade de
Psicologia do Centro Universitário de Brasília
– UniCEUB como requisito parcial à
conclusão do curso de Psicologia.

Orientadora: Prof. Dra. Tania Inessa Martins
de Resende

Brasília, 10 de dezembro de 2015.

Banca Examinadora

Prof. Dra. Tania Inessa Martins de Resende

Prof. Dra. Valéria Deusdará Mori

Prof. Msc. Maria Leonor Sampaio Bicalho

Brasília

2015

DEDICATÓRIA

Dedico o presente trabalho aos meus pais, que nem sempre concordaram com o caminho, mas sempre estiveram presentes durante a jornada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos amigos e colegas de trabalho que souberam entender minhas ausências.

Agradeço aos professores que me motivaram a aprender mais.

Agradeço ao Rafael e ao Ramon, pela cuidadosa revisão deste trabalho.

Agradeço à orientadora Tania, pelo exemplo de dedicação e conhecimento.

Agradeço à banda Legião Urbana, constante companhia em meus momentos de solidão.

Agradeço a Deus, fonte de amor, sem o qual eu nada seria.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo aprofundar a compreensão acerca da vivência da melancolia na contemporaneidade. Para tanto, precedeu-se à análise construtivo-interpretativa das composições do cantor e compositor Renato Russo, uma figura contemporânea nacionalmente reconhecida por expressar os anseios e as angústias de sua geração. A teoria psicanalítica foi utilizada, preponderantemente, no processo de integração da teoria com a informação construída. Verificou-se que as letras analisadas refletem condições culturais e socioeconômicas específicas e, por conseguinte, retratam as relações entre os indivíduos nesta sociedade, sendo possível levantar a hipótese de que fatores contextuais descritos nas letras analisadas constituem indicadores que apontam para a existência de um mal-estar na sociedade. Este mal-estar remete ao vazio sobre o qual se queixa o indivíduo contemporâneo, estreitamente relacionado aos diversos estados depressivos, bem como à melancolia, tal como configurados na atualidade.

Palavras – chave: Melancolia. Depressão. Psicanálise. Epistemologia qualitativa. Cultura.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 Justificativa.....	9
1.2 Objetivos	11
1.2.1 Objetivo geral	11
1.2.2 Objetivos específicos	11
2 CAPÍTULO TEÓRICO	13
2.1 Da melancolia à depressão: delineamento histórico	13
2.2 Modernidade (ou pós-modernidade?)	18
2.3 Melancolia e depressão: uma visão psicanalítica	22
3 CAPÍTULO METODOLÓGICO	28
3.1 Instrumentos	31
3.2 Cenário de pesquisa	32
4 CONSTRUÇÃO E ANÁLISE DA INFORMAÇÃO	33
4.1 Eixo teórico I – O Mundo anda tão complicado.....	33
4.2 Eixo teórico II – Ainda é cedo.....	38
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	49

INTRODUÇÃO

O desejo de discorrer sobre melancolia e depressão no trabalho final do curso de psicologia surgiu diversas vezes no decorrer da graduação. Entretanto, estava reticente quanto à escolha deste tema, por receio de reviver, de alguma forma, períodos de extremo desamparo que atravesssei. Durante estes períodos, sempre pude contar com o conforto proveniente das músicas do Renato Russo. As letras remetiam à dor que sentia, originada de situações banais como rompimento de relacionamentos, conflitos familiares, dentre outros. Sentia-me compreendida em meus sentimentos mais profundos. Durante a graduação, aprofundei meus conhecimentos acerca destas formas de sofrimento psíquico, verificando que se encontram disseminadas em nossa sociedade. Tal como nas ocasiões em que escutava as músicas da banda Legião Urbana durante minha adolescência, senti-me parte de um todo maior do que minha própria existência. Este sentimento de pertencimento rompeu minhas resistências, motivando-me a aprofundar minhas investigações sobre o assunto.

A escolha da metodologia foi um enorme desafio para mim. Tomei conhecimento acerca da Epistemologia Qualitativa durante a faculdade, pela qual me senti imediatamente atraída, devido à liberdade de pensamento que esta metodologia concede ao pesquisador. No entanto, tive muita dificuldade em empregar a metodologia no curso dos estágios de que participei. Assim, assumi como um desafio utilizá-la no presente trabalho e espero ter obtido êxito nesta empreitada.

Tendo em vista o exposto, o trabalho em questão tem como objetivo aprofundar a compreensão sobre a vivência da melancolia na contemporaneidade, a partir da produção musical do compositor Renato Russo (1960-1996), considerando a relevância clínica e social desta forma de sofrimento psíquico na atualidade.

De modo a cumprir o objetivo proposto, o presente trabalho será subdividido em três capítulos. No capítulo teórico, será apresentada a história da melancolia da Idade Média à contemporaneidade, bem como será caracterizado o contexto cultural e social no qual as composições de Renato Russo foram produzidas. Ao final deste capítulo, a melancolia será discutida sob a perspectiva psicanalítica, buscando-se diferenciar a melancolia da depressão como forma de subjetivação do sujeito.

No capítulo metodológico, será apresentada a metodologia proposta por Fernando González Rey (2005), denominada Epistemologia Qualitativa, que será utilizada como arcabouço metodológico para a análise das composições. No terceiro e último capítulo, serão realizadas a análise e a construção da informação, com base na metodologia escolhida. Por fim, serão apresentadas algumas considerações finais derivadas da análise e construção da informação.

1 Justificativa

Segundo dados da Organização Mundial de Saúde (2012), aproximadamente 350 milhões de pessoas no mundo sofrem de depressão. Devido a esses índices alarmantes, a depressão é vista por muitos estudiosos do assunto como o "mal da contemporaneidade ou pós-modernidade", apesar desta forma de sofrimento já ter sido descrita em outras épocas, sob a denominação de melancolia (TEIXEIRA, 2005).

Devido à prevalência da depressão na contemporaneidade, conjuntamente com outras doenças denominadas de "novas patologias", é possível inferir que as condições de vida atuais afetem diferencialmente indivíduos com estruturas de personalidade específicas, como os narcísicos ou os melancólicos, produzindo formas de sofrimento psíquico peculiares a esta época (TEIXEIRA, 2005). De acordo com Berlinck e Fédida (2000, p. 21),

A depressão só adquire crescente importância à medida que as exigências do mundo de hoje são a atividade, a eficiência prática e pragmática, a produção material e o consumo, a ausência de um constante retorno da tradição naquilo que se manifesta no presente. Em outras palavras, o que se ensaia na atualidade é um mundo sem catástrofe e, por isso, sem depressão.

O termo melancolia, originado na Grécia antiga, foi utilizado para descrever a patologia dos humores tristes (TEIXEIRA, 2005) e refere-se a um "estado de tristeza e medo de longa duração" (TEIXEIRA, 2005, p. 44). Este termo foi definido por Hipócrates de Cós (460-377 A.C), considerado o "pai da Medicina", e deriva das palavras gregas *melas* (negro) e *khloé* (bile). Segundo a teoria dos humores de Hipócrates, a melancolia seria causada pelo acúmulo de bílis negra no baço. Na concepção deste médico, a melancolia consiste na "perda do amor pela vida, uma

situação na qual a pessoa aspira à morte como se fosse uma bênção” (SCLIAR, 2003, p. 70).

Apesar de originalmente descrita como uma patologia, a melancolia será apropriada simbolicamente de diversas formas até o surgimento dos alienistas no século XVIII (TEIXEIRA, 2005).

Os alienistas, cujo maior expoente é Philippe Pinel (1745-1826), dispuseram-se a tratar a loucura, incluindo o sofrimento denominado melancólico. Sob a perspectiva destes profissionais, a etiologia dos transtornos mentais seria causada pelo desequilíbrio entre a paixão (*pathos*) e a razão (FERREIRA, 2011). Pinel concebia a melancolia como uma patologia caracterizada por orgulho desmedido, abatimento, consternação e desespero (TEIXEIRA, 2005). De modo a substituir o termo melancolia, considerado impreciso e vulgar, o discípulo de Pinel chamado Jean-Etienne Esquirol (1722-1849) propôs um novo nome, lipemania, caracterizando-a como patologia originada por uma paixão triste, opressiva e debilitante (SCLIAR, 2003). No século XIX, Emil Kraepelin sugeriu o termo psicose-maníaco depressiva; a partir de então, o termo "depressão" substituiu gradualmente melancolia (SCLIAR, 2003).

Na literatura produzida sobre o tema, falta clareza à definição dos termos "depressão" e "melancolia" e observa-se certa confusão entre essas definições (TEIXEIRA, 2005). Conforme Teixeira (2005, p. 42),

A palavra confusão não foi escolhida aqui por acaso, é a mais apropriada para se referir à condição daquilo que se acha confundido, misturado ou ainda à impossibilidade de reconhecer diferenças ou distinções e à falta de clareza em relação ao problema que envolve tanto os termos melancolia e depressão, quanto a falta de discriminação destes estados.

Segundo Berlinck e Fédida (2000), a depressão configura-se como um estado encontrado em diversas estruturas clínicas, variando em intensidade, cujo principal sintoma corresponde a letargia e alteração da condição vegetativo-vital dos organismos, sendo possível observar, em alguns casos, agitação motora e irritabilidade. Nas palavras destes autores,

A depressão é, assim, um estado de vazio, de ausência, correspondendo a um tempo parado expondo o lugar e espaço, o fundo em relação ao qual ecoa o tempo da psique e permitindo dizer que ela define-se por uma posição econômica que concerne a uma organização narcísica do vazio segundo uma

determinação própria para a inalterabilidade tópica da psique (BERLINCK e FÉDIDA, 2000, p.15).

Assim, a depressão é caracterizada por Berlinck e Fédida (2000) como uma condição de enfrentamento do indivíduo frente à dura realidade, que tanto o distancia desta, quanto cria as condições que permitem suportá-la. De forma análoga, Sampaio (2012) declara que deveríamos aprender a conviver com a depressão, visto que é parte constituinte do processo de sobrevivência da humanidade, bem como integra o processo civilizatório desta.

Estudiosos do tema como Berlinck e Fédida (2000) e Ferreira, Gonçalves e Mendes (2014) consideram a melancolia e a depressão como fenômenos distintos. Conforme relatado pelos primeiros, a partir da observação de pacientes que saíram da depressão, mas permaneceram com sintomas melancólicos,

Há, portanto, depressão na melancolia. Porém, enquanto a primeira pode ser vista como estado, a segunda pode ser caracterizada – tal como Freud o fez – como neurose narcísica onde o conflito intrapsíquico ocorre entre as instâncias do ego e do superego implicando o sujeito na culpa (BERLINCK; FÉDIDA, 2000, p. 11).

Considerando o exposto, a depressão e a melancolia correspondem, respectivamente, a um estado e uma forma de subjetivação que, atualmente, assumem proporções epidêmicas, gerando grave sofrimento psicológico aos indivíduos afetados (PERES, 2003), o que justifica a adoção do tema como objeto de estudo acadêmico.

1.2 Objetivos

1.2.1 *Objetivo geral*

- Aprofundar a compreensão sobre a vivência da melancolia na contemporaneidade por meio das composições de Renato Russo.

1.2.2 *Objetivos específicos*

- Delinear a construção histórica do conceito de melancolia e depressão;

- Caracterizar o contexto sociocultural no qual as composições de Renato Russo foram produzidas;
- Diferenciar os conceitos de melancolia e de depressão, sob a perspectiva da teoria psicanalítica;
- Apresentar a metodologia proposta por Fernando González Rey (2005), denominada Epistemologia Qualitativa; e
- Analisar as formas de subjetivação relativas à vivência melancólica retratadas na produção musical do compositor Renato Russo, de acordo com a metodologia escolhida.

2 CAPÍTULO TEÓRICO

2.1 Da melancolia à depressão: delineamento histórico

Segundo Scliar (2003), a melancolia renasceu na Europa com a chegada da peste à Sicília, em 1347, dando início a uma epidemia que aniquilaria um terço da população europeia. No decorrer dos séculos a contar desta epidemia, a Europa e o mundo sofreriam grandes mudanças econômicas, políticas e sociais, que serão sucintamente relatadas a seguir, devido à importância destas para o entendimento acerca da construção dos conceitos de melancolia e de depressão.

Quanto às mudanças econômicas, observou-se o desenvolvimento de uma economia mercantilista, em detrimento da economia agrária que predominava na Europa, bem como se verificou o declínio do regime feudal e a ascensão de monarquias absolutistas. A Reforma Protestante, por sua vez, modificou a forma dos indivíduos se relacionarem com as figuras de autoridade, uma vez que rejeitou o poder papal ao proclamar que os indivíduos poderiam relacionar-se diretamente com Deus, sem a intermediação da Igreja. Além disso, reafirmou as noções de responsabilidade e de culpa características da melancolia (SCLIAR, 2003).

Na época renascentista, surgiu na Itália um movimento cultural denominado “humanismo”, que “conferia grande ênfase à dignidade individual (...) e às possibilidades de realização no mundo” (SCLIAR, 2003, p. 12). Observa-se que tanto a Reforma Protestante quanto o humanismo estabeleceram as bases para o individualismo moderno. Por sua vez, o individualismo levou à desagregação da estrutura social preexistente, lançando o homem a sua própria sorte (SCLIAR, 2003). Nas palavras de Scliar (2003, p. 46),

[...] essa irrupção do individualismo não é feita sem reservas. Pode resultar em autoafirmação, mas resulta também em angustiante, melancólico desamparo, consequência do esgarçamento do tecido social. E talvez não seja uma sábia postura diante do mundo.

O desenvolvimento científico afastou ainda mais os indivíduos da época de seus referenciais religiosos, uma vez que os situou dentre os fenômenos físicos. Esta nova posição ocasionou um sentimento grande de desamparo e solidão (SCLIAR, 2003).

Devido a tantas mudanças, o clima emocional dos séculos XVI e XVII era de incerteza. De acordo com Scliar (2003, p. 16),

Esse progresso não se fez sem um preço. Os Estados modernos surgem em meio a guerras e conflitos. Há riqueza e há miséria; há uma brusca alternância entre otimismo e pessimismo, entre euforia e desânimo, verdadeira bipolaridade emocional que se traduz em incerteza quanto ao futuro.

Assim, observa-se que o Renascimento consistiu em uma época paradoxal, na qual um mundo novo surge sobre os escombros do antigo, sendo a destruição criadora uma característica marcante de um novo regime econômico que surge: o capitalismo. A melancolia, neste contexto, surge como consequência da culpa causada pela destruição do mundo antigo (SCLIAR, 2003).

Assim como a epidemia de peste bubônica que ocorreu no final da Idade Média, a sífilis demarcou a transição do Renascimento para a Modernidade. Apesar das diferenças quanto à etiologia e ao prognóstico, foram duas doenças que contribuíram para a construção de um clima social ameaçador. (SCLIAR, 2003).

Como anteriormente mencionado, o termo melancolia foi cunhado por Hipócrates de Cós no século X a.C. Hipócrates distinguia a melancolia que sucedia eventos trágicos daquela que não manifestava causa aparente, assim sendo, a melancolia apresentava tanto causas internas quanto ambientais (SOLOMON, 2002). Em ambas versões, o desequilíbrio da bile negra (*melaina chole*) precipitava sintomas associados ao outono, tais como tendência ao suicídio, depressão moral, tristeza, repulsa a comer, irritabilidade, ansiedade, dentre outros (SOLOMON, 2002). O tratamento indicado consistia na administração oral de mandrágora e de heléboro e em mudanças na dieta, bem como em aconselhamento (SOLOMON, 2002).

Para Aristóteles, conforme mencionado no Problema XXX, o temperamento melancólico seria característico de homens de exceção e favoreceria a atuação destes homens nas artes, na filosofia e na poesia, por meio da criação de um ambiente psicológico propício à reflexão (SCLIAR, 2003).

Na Idade Média, a melancolia assemelhava-se à acídia ou acédia, caracterizada por um “abatimento do corpo e do espírito, enfraquecimento da vontade, inércia, tibieza, moleza, frouxidão” (SCLIAR, 2003, p. 74). A acídia originava-se do afastamento do indivíduo de Deus, sendo considerada um grave pecado (SCLIAR, 2003). Nesse contexto, a melancolia era interpretada como manifestação da hostilidade divina, sendo os afetados por este sofrimento estigmatizados como infiéis, pois se encontravam excluídos do conhecimento da salvação de Deus (SOLOMON, 2002). Diferentemente da tristeza (*tristia*), que levaria o homem de volta a Deus e ao arrependimento, a melancolia profunda era considerada possessão demoníaca (SOLOMON, 2002). De acordo com Santo Agostinho, a perda da razão igualaria o homem aos animais, visto ser esta necessária à escolha de ações virtuosas (SOLOMON, 2002). Nesses termos, a melancolia configurar-se-ia como uma imperfeição da alma, originando um estigma que, na sociedade moderna, consistirá em fonte de vergonha para aqueles que padecem desta forma de sofrimento (SOLOMON, 2002).

No Renascimento, a noção de melancolia distancia-se da acídia, aproximando-se, em um primeiro momento, da tristeza, e depois, da paixão (SCLIAR, 2003). Entretanto, mesmo durante o Renascimento, nem a concepção hipocrática nem a concepção aristotélica sobre a melancolia haviam sido totalmente descartadas (SCLIAR, 2003). Um grande expoente do Renascimento, Marsílio Ficino, preconizava ser a melancolia uma característica constante da alma, que se revelaria na correria do dia a dia, sendo mais importante aos artistas e aos pensadores entrar em contato com esta característica do que ao homem comum (SOLOMON, 2002).

O início do século XVII testemunha um considerável aumento no número de casos de melancolia (SOLOMON, 2002). Nesta época, a melancolia foi vista como uma qualidade de almas profundas, geniais e complexas, sendo que os que sofriam de melancolia grave recebiam solidariedade e respeito (SOLOMON, 2002). Em 1621, Robert Burton escreveu um livro denominado "A Anatomia da melancolia", que apresentou um panorama de como era tratada a melancolia em sua época, tornando-se referência no tema (SCLIAR, 2003). No decorrer de sua obra, Burton se abstém de definir a melancolia como doença, sintoma ou causa/efeito. Segundo o autor, todos os seres humanos teriam uma disposição para a melancolia, sendo esta a insígnia da

mortalidade (SCLIAR, 2003). Assim, Burton discute em seu livro sobre uma experiência humana particular e que conferia dignidade ao sujeito, diferenciada da tristeza e do tédio, bem como da depressão, tal como esta é atualmente conceituada (SCLIAR, 2003).

A modernidade presencia a ascensão da burguesia e da ética protestante de valorização do trabalho e “a vida ativa surge como um ideal de comportamento.” (SCLIAR, 2003, p. 97). A melancolia deixa de ser vista como uma característica de pessoas de gênio e passa a ser tratada como patologia debilitante, que impedia os afetados de produzir (SCLIAR, 2003). No século XVIII, a posição social dos melancólicos retrocede e os indivíduos considerados mentalmente doentes são alçados à marginalidade, passando a sofrer severas punições (SOLOMON, 2002). Neste cenário, os melancólicos apresentavam uma pequena vantagem, devido à relativa docilidade que demonstravam, sofrendo, portanto, punições pouco menos cruéis do que maníacos e esquizofrênicos, por exemplo (SOLOMON, 2002). No entanto, esta pequena vantagem não era estendida aos melancólicos graves, que eram submetidos a tratamentos bárbaros, como afogamento, ou neles eram utilizados dispositivos mecânicos que os faziam desfalecer e vomitar, alternadamente (SOLOMON, 2002).

No século XIX, conhecido como o período das classificações, ocorre uma redefinição do que foi identificado como melancolia, sendo esta classificada em categorias e em subcategorias (SOLOMON, 2002). Naquele século, surgem diversos trabalhos como o de W. Griesinger, que alegou serem as doenças mentais causadas por falhas no cérebro, evidenciando mudanças sociais possivelmente associadas ao surgimento do modelo biomédico (SOLOMON, 2002). Com o intuito de consolidar seu campo de estudo enquanto ciência, a psiquiatria adota este modelo, segundo o qual os transtornos mentais são causados pelo mau funcionamento do organismo, sendo, portanto, passíveis de tratamento medicamentoso. Conforme anteriormente mencionado, o sofrimento melancólico já havia sido apropriado como objeto de estudo da insipiente ciência psiquiátrica e renomeado por Kraepelin sob a denominação de psicose maníaco-depressiva (TEIXEIRA, 2005). Na sétima edição de seu tratado, Kraepelin também descreveria uma categoria patológica independente denominada melancolia involutiva, caracterizada por uma agitada depressão surgida após os 40

anos de idade (TEIXEIRA, 2005). Observa-se que a melancolia oscilou entre a depressão e a mania naquela época. Nesse contexto, surge a necessidade de proceder a uma minuciosa descrição dos transtornos mentais, o que motivou a criação de instrumentos classificatórios e nosográficos como a Classificação Internacional das Doenças (CID) e Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais (DSM) (SANTA CLARA, 2009). De acordo com as edições mais recentes dos sistemas classificatórios acima mencionados, a melancolia é classificada como um subtipo da depressão, categorizada no CID-10 sob a classe de transtornos afetivos e, no DSM-IV, no capítulo relativo a transtornos de humor (TEIXEIRA, 2005).

A década de 70 do século seguinte testemunhou uma revolução no tratamento dos transtornos mentais, a partir da introdução no mercado dos psicofármacos. Desde então, a demanda por esses medicamentos vem aumentando, notadamente em países ricos ocidentais, onerando, assim, os sistemas de saúde de tais países (FERREIRA, 2011). Teixeira (2005, p. 52) traz uma excelente reflexão sobre o uso de psicofármacos na atualidade quando afirma que:

A utilização indiscriminada das drogas eficazes contra a angústia e a depressão indicam uma mudança significativa na maneira de os indivíduos se relacionarem com estas paixões. O limiar suportável para o sofrimento psíquico do indivíduo baixou consideravelmente, levando-o a consumir tais drogas eficazes diante de qualquer manifestação dolorosa do humor. O “evitamento” de qualquer sofrimento psíquico, pelo sujeito, passou a ser comum, como que uma regra no mundo atual.

A depressão é caracterizada por tristeza constante, juntamente com ansiedade, cansaço, sentimentos de desesperança e menos-valia, dificuldade de concentração, hipersonia ou insônia, perda de apetite ou compulsão para comer, pensamentos de morte e suicídio e perda de interesse em atividades diversas como trabalho, lazer, dentre outros (SCLIAR, 2003).

Algumas culturas não apresentam nem ao menos uma palavra com o mesmo significado do que atualmente é definido como depressão em sociedades ocidentais (SCLIAR, 2003). Observa-se, assim, que diferentes culturas lidam de formas diversas com a dor da existência. Como exemplo, Scliar (2003) cita os budistas, para os quais o mundo é sofrimento e fugir dessa realidade consiste em uma atitude sábia, e os kaluli

da Papua-Nova Guiné, que valorizam expressões intensas de tristeza e luto, ao contrário dos balineses, que são mais contidos na expressão desses afetos.

Como se pôde observar neste breve apanhado histórico, a melancolia, enquanto condição existencial, sempre acompanhou o ser humano. Tal condição torna-se mais pungente em épocas de grandes transformações materiais, sociais e políticas, quando os indivíduos são obrigados a encarar sua própria impotência (PERES, 2003). A despeito das grandes mudanças conjunturais, rotineiramente nos deparamos com mudanças em nossas vidas, desejadas ou não, mas que podem ocasionar algum sofrimento. Nestas ocasiões, recordamos a máxima de Heráclito (535 a.C. - 475 a.C.), “tudo flui”, e somos chamados à reflexão e à introspecção. Será possível refletir sobre a vida sem tornar-se melancólico? A depressão, ao contrário, é uma invenção da era moderna (SANTA CLARA, 2009). Devido à patologização dos estados existenciais, a ciência moderna aliena o sujeito de seu próprio processo de cura, ao reduzi-lo a um corpo biológico (SANTA CLARA, 2009). Nas palavras de Santa Clara (2009, p. 2):

Obscurecido pela ciência positivista, o sofrimento mental passou a ser compreendido como um erro comportamental ou uma disfunção neuroquímica de determinada parte do cérebro, perdendo seu caráter de significação e de particularidade.

2.2 Modernidade (ou pós-modernidade?)

Freud, em o *Mal-estar na Civilização* (1930), afirma que o propósito da vida consiste em obter satisfação (princípio do prazer), preferencialmente de necessidades represadas, visto que o prazer intenso é percebido mais enquanto contraste do que como um estado em si. A felicidade, portanto, consistiria na busca do prazer e na prevenção da dor. Por sua vez, a infelicidade é mais abundante do que sua contraparte e advém de três fatores: da fragilidade do corpo, sujeito à deterioração e à morte, de ameaças externas, que podem ser imprevisíveis e avassaladoras e, por fim, de nossos relacionamentos com os demais indivíduos (FREUD, 1930).

Apesar do esforço que devemos empreender para alcançarmos a felicidade, nunca obteremos tudo o que desejamos, adverte Freud (1930). O autor acrescenta que cada indivíduo deve procurar sua própria maneira de ser feliz, sendo de fundamental

importância, para tanto, a disposição deste indivíduo em alterar o mundo segundo seus desejos, a independência em relação ao mundo externo, bem como a expectativa quanto à satisfação que pode ser obtida deste mundo (FREUD, 1930).

Conforme preconiza a teoria psicanalítica, o desejo é regulado por uma instância psíquica denominada “supereu”, originada a partir da internalização da cultura e das leis, como também pelo “isso”, fonte das pulsões (PORTO CAMPOS, 2008). Observa-se, assim, a origem dual desta instância, tanto íntima e familiar, quanto estranha e representante da cultura e do Outro, viabilizando, assim, o laço social (PORTO CAMPOS, 2008). A partir desta instância, Freud reconhece a essencialidade do Outro na constituição da subjetividade humana (PORTO CAMPOS, 2008). Segundo nos indica Freud (1930), o recalque ou a sublimação das pulsões em favor dos ideais culturais são necessários para o convívio em sociedade. Segundo este autor, o ser humano concorda em abrir mão de parte de sua liberdade visando à segurança de viver em sociedade, apesar das diversas frustrações que esta decisão acarreta (FREUD, 1930). Freud (1930) reflete que o aumento da liberdade, com a subsequente diminuição das frustrações que a sociedade impõe ao indivíduo, aumentaria a felicidade deste.

O *Mal-estar na Civilização* é uma obra que reconhecidamente reflete o pensamento moderno, caracterizado por estimar valores como o "indivíduo, a consciência, a subjetividade, a experiência e a atividade crítica." (PORTO CAMPOS, 2008, p. 16). Bauman (1998) acrescenta que, além dos marcos de beleza, ordem e limpeza apontados por Freud (1930) na obra supracitada, a ordem moderna baliza-se também pelo desmoronamento da tradição, por conseguinte, na modernidade ser tornar-se um projeto em permanente mudança.

Para os autores que defendem a ideia de que a modernidade findou-se, a contemporaneidade corresponde a uma época singular que recebe diversas denominações, conforme o autor: pós-modernidade, modernidade tardia, tempos hipermodernos, modernidade líquida, dentre outros (PORTO CAMPOS, 2008). Este último termo é utilizado por Bauman (2000, apud PORTO CAMPOS, 2008), em contraponto à modernidade sólida, para assinalar um relevante aspecto da contemporaneidade: tudo é temporário. O autor acrescenta que, sob o jugo da liberdade individual, cabe ao indivíduo contemporâneo perseguir os ideais de beleza,

ordem e limpeza por meio do esforço individual, da espontaneidade e do desejo (BAUMAN, 1998). O indivíduo contemporâneo despojou-se de uma considerável parcela de sua segurança individual pela possibilidade de encontrar a felicidade, mas, diferentemente do que foi preconizado por Freud (1930), este sujeito não se tornou mais feliz (BAUMAN, 1998). Conforme relata Tavares (2010, p. 29):

[...] a Pós-Modernidade oferta aos indivíduos uma liberdade aparente à custa de um sentimento de insegurança generalizada, e dessa forma os mal-estares pós-modernos vão se caracterizando pela liberdade fluida, e não pela opressão e repressão de outrora.

Conforme relata Porto Campos (2008), a descrição do indivíduo começou a mudar a partir da década de 60 do século passado, momento no qual se observou uma retração do espaço de reflexão do sujeito contemporâneo, que passa a ser visto como narcísico e exteriorizado. A lógica capitalista da sociedade de consumo, na qual a mercadoria adquire papel central, invade as relações interpessoais; assim sendo, "o indivíduo acaba por ter suas escolhas condicionadas, a tal ponto que, até mesmo um outro ser humano poderá ser transformado em um *gadget* e servir como via de satisfação imediata" (PORTO CAMPOS, 2008, p. 20). O tempo passa a ser organizado a partir de atos de consumo, depreciando seu valor de uso em detrimento ao valor de troca. Pseudo-necessidades são criadas de modo a serem saciadas por objetos que provocam um gozo que começa e termina em si mesmo (PORTO CAMPOS, 2008).

Neste cenário, (re)surgem formas de sofrimento psíquico, dentre as quais se destaca a depressão (PORTO CAMPOS, 2008). Kehl (2009) propõe que fatores tais como predominância dos imperativos do gozo sobre as interdições tradicionais, o aumento na velocidade social da regulação do tempo, a perda do valor da experiência, a fragilidade das referências identificatórias, dentre outros, atuam na constituição do sujeito de modo a construir tanto neuróticos que se deprimem quanto sujeitos que apresentam uma estrutura depressiva.

Segundo Kehl (2009), em uma sociedade em que o valor da vida é medido em produtividade, há uma demanda por eficiência que obtura o tempo do sujeito. Essa questão é mais problemática visto que esta aceleração do tempo do Outro se apresenta desde o início da constituição do *infans*, por meio do discurso materno. Nesse contexto,

o(a) cuidador(a), submetido(a) à lógica de desempenho e velocidade, precipita-se sobre o *infans*, abreviando o tempo vazio necessário ao trabalho psíquico de representação do objeto de satisfação (KEHL, 2009).

De forma análoga, Giddens (2002) relata que a modernidade tardia (nomenclatura utilizada por este autor para denominar a pós-modernidade) criou uma “dimensão vazia de tempo” que permitiu o descolamento entre o espaço e o lugar, diferentemente de eras pré-modernas, nas quais o tempo e o espaço estavam conectados através do lugar. Nestas sociedades, o passado legitima o presente e o futuro; o tempo não está vazio, ao contrário, liga o passado ao futuro por meio de um modo consistente de ser (GIDDENS, 2002). A descontinuidade na experiência temporal também pode comprometer o sentimento de continuidade biográfica do “eu”, ao separar as experiências passadas das futuras, dificultando a construção de uma narrativa contínua (GIDDENS, 2002). Nos casos em que essa narrativa é deficiente, o sujeito pode “deixar de atingir uma concepção duradoura de estar vivo” (GIDDENS, 2002, p. 55), bem como ser empurrado a uma ansiedade decorrente da sensação de ser esmagado, sufocado ou engolfado por elementos externos (GIDDENS, 2002). A construção da autoidentidade é uma prerrogativa das sociedades tardias e está intimamente relacionada ao individualismo moderno (GIDDENS, 2002).

Ademais, a valorização do presente efêmero prejudica o investimento em projetos pessoais, visto que não é concedido o tempo necessário ao planejamento, tanto simbólico quanto representativo, assim como à execução desses (TAVARES, 2010). Na sociedade contemporânea, o indivíduo é obrigado a fazer escolhas que tanto envolvem a construção da autoidentidade quanto o estabelecimento de um estilo de vida que compõe a construção do projeto identitário (GIDDENS, 2002). Na construção desse projeto, o indivíduo depara com diversas ofertas identitárias provenientes, principalmente, da circulação de imagens de mercadorias (KEHL, 2009).

A tradição atua como organizador da vida social, ordenando, dentre outros fatores, o tempo, e conferindo estabilidade à organização social, por meio da combinação de elementos cognitivos e morais (GIDDENS, 2002). Em sociedades pós-tradicionais, como a contemporânea, a desvalorização da tradição leva à perda de referenciais e critérios sólidos, deixando o indivíduo à mercê das novidades no campo

da técnica (KEHL, 2009). Por conseguinte, os indivíduos são levados a estabelecer identificações horizontais ou fraternas – na concepção de Maria Rita Kehl – com as imagens produzidas pela indústria de entretenimento que, devido ao conteúdo imperativo e à abundância, sepulta o tempo entre a perda do objeto e a recuperação deste por meio da identificação imaginária, dificultando que o sujeito se perceba diferente destas imagens (KEHL, 2009). As identificações horizontais ou fraternas não implicam uma interdição, diferentemente da identificação paterna, necessária à diferenciação entre o sujeito e o Outro, levando o sujeito a acreditar no ideal narcísico de que é possível ser um com o gozo do Outro (KEHL, 2009). A esperança de que este é um objetivo possível está na base do sentimento de insuficiência do sujeito contemporâneo, em oposição ao sentimento de culpa característico da época de Freud, relatado por este em *O Mal estar na civilização*.

Além disso, a similaridade do conteúdo transmitido por estas imagens encobre a singularidade do sujeito, visto que carece de fornecer significantes que apontem para esta singularidade, desviando os indivíduos de sua via desejante e tornando-os, assim, suscetíveis ao consumo de mercadorias que representam o desejo do Outro (KEHL, 2009). Quanto à fragilidade das referências identificatórias, Kehl (2009) sugere que o mal-estar contemporâneo decorre também da “inconsistência do pai imaginário”, devido à fragilização da função paterna em uma sociedade que privilegia os imperativos do gozo e a soberania do indivíduo. Segundo a autora, a autoridade paterna consiste em uma função simbólica alicerçada no dever dos pais de transmitir valores e impor limites aos filhos (KEHL, 2009). Nas palavras de Kehl (2009, p. 296):

Desgarrado das referências identificatórias que o sustentariam a partir do eixo de transmissão dito paterno, convocado a negociar sua via desejante em troca de ofertas de gozo apresentadas pelo Outro, o sujeito contemporâneo está mais propenso a deprimir-se.

2.3 Melancolia e depressão: uma visão psicanalítica

Como anteriormente mencionado, a melancolia esteve presente na história da civilização desde seu primórdio, por vezes relacionada a uma condição natural do ser humano, outras vezes identificada a uma doença que demandava tratamento. Observou-se também que a incidência de melancolia aumentava em momentos de

grandes mudanças conjunturais, ou seja, momentos nos quais os indivíduos vivenciavam significativas perdas. Esses momentos provocam um enorme desamparo nos indivíduos, que deparam com as limitações inerentes à vida, decorrentes de situações as quais não podem controlar. Apesar destas grandes mudanças conjunturais, todo indivíduo defronta-se em sua vida cotidiana com perdas e frustrações as mais diversas, que evidenciam a condição de desamparo frente às fatalidades da existência (TEIXEIRA, 2007).

Em sintonia com as observações acima, Freud situou a melancolia no registro da perda; neste sentido, a melancolia decorre de uma situação de perda mal elaborada, ou seja, de um luto não realizado (TEIXEIRA, 2007). Como afirma Freud, o luto consiste em trabalho psíquico que possui função de elaborar e assimilar psicologicamente a perda, permitindo, assim, a separação do objeto perdido e a subsequente substituição deste (PINHEIRO; QUINTELLA; VERZTMAN, 2010). Visto que a perda é inerente à vida, a melancolia existe potencialmente em cada indivíduo, emergindo quando este não obtém sucesso em simbolizar as perdas, frustrações e demais situações traumáticas (TEIXEIRA, 2007). De forma análoga, Klein (1940, apud TEIXEIRA, 2007) afirma que o ser humano tem que lidar com perdas desde o início da vida, sendo que a forma como estas perdas iniciais são elaboradas influencia a elaboração de perdas futuras.

Segundo Freud (1917), na melancolia verifica-se a retirada da libido de um objeto perdido que, ao invés de ser deslocada para outro objeto, volta-se para o “eu” por meio do mecanismo de identificação. Este mecanismo faz com que o “eu” seja julgado pelo “supereu” tal como se fosse o objeto perdido (FREUD, 1917). Devido ao sadismo do “supereu”, Freud (1917) advertiu sobre a propensão do melancólico ao suicídio, visto que toda a hostilidade destinada ao objeto perdido passa a ser direcionada ao “eu”.

Assim, na melancolia o sujeito identifica-se de forma narcísica ao objeto perdido, mantendo-o dentro de si. Visto que a perda objetual é recusada, o luto decorrente desta perda não é realizado. Por conseguinte, observa-se um empobrecimento do “eu” que responde pelos aspectos de intensa autorecriminação e autoacusação presentes no melancólico (FREUD, 1917). Pinheiro, Quintella e Verztman (2010), citando Lambotte (1997), elucidam que o investimento maternal não atinge o *infans* a ponto de lhe possibilitar a constituição de um sentimento afirmativo de existência. Essa mãe, que no

discurso do melancólico geralmente é vista como toda-poderosa, apesar de favorecer o desenvolvimento de um esquema corporal no *infans*, falha em investir libidinalmente esse esquema, comprometendo, assim, a formação da autoimagem do sujeito. Essa escassez de investimento libidinal subtrai o sujeito do discurso do Outro, retirando-o do jogo identificatório que o inscreveria como sujeito do desejo, deixando-o, apenas, com um imenso sentimento de vazio (PINHEIRO; QUINTELLA; VERZTMAN, 2010).

Por sua vez, o luto apresenta as mesmas características da melancolia, com exceção da autoestima, que se encontra preservada (FREUD, 1917). A perda de uma pessoa amada pode ocasionar tanto o luto quanto a melancolia, entretanto, Freud (1917) afirma que, em certos casos, a perda que precipita a melancolia é de natureza mais ideal do que real. Assim, observa-se que no luto o mundo se torna vazio e pobre, enquanto que na melancolia o próprio “eu” adquire estas conotações (FREUD, 1917).

No período de 1916 a 1922, Freud aproximou a melancolia às psicoses, à paranoia e à esquizofrenia, devido à dificuldade do melancólico em estabelecer transferência. Entretanto, a partir do texto intitulado *O Ego e o id* (1923), a melancolia é categorizada como uma neurose narcísica, assentada no narcisismo e na ambivalência, adquirindo um status próprio. No narcisismo, o “eu” torna-se o centro do conflito psíquico, apresentando-se subjugado ao “supereu”, o que revela a ambivalência peculiar a esta condição (TEIXEIRA, 2007). No texto supracitado, Freud relata que a melancolia decorre de um conflito entre o “eu” e o “supereu”, as psicoses decorrem de um conflito entre o “eu” e o mundo externo, enquanto que as neuroses de transferência consistem entre um conflito entre o “eu” e o “isso” (TEIXEIRA, 2007).

Segundo Teixeira (2007), Freud não se preocupou em definir com precisão os termos “melancolia” e “depressão”, ora utilizando-os como sinônimos, ora distinguindo-os. Quando os termos não eram utilizados como sinônimos, com maior frequência o termo depressão era utilizado para designar um estado afetivo penoso que apresentava características, dentre outras, como acúmulo de tensão sexual física, baixa autoconfiança, pessimismo e presença de ideias antitéticas. Em contrapartida, o termo melancolia foi frequentemente utilizado para descrever um quadro de intenso sofrimento psíquico, no qual a depressão era um de seus sintomas, caracterizado por anestesia, anseio por amor em sua forma psíquica, desânimo, inibição de qualquer

atividade, necessidade de autopunição, medo da impotência, dentre outros. Verifica-se, assim, que tanto a depressão quanto a melancolia encontram-se inseridas no registro da perda, apresentando como pontos de convergência a perda e a ambivalência (TEIXEIRA, 2007). Considerando que nos textos freudianos a depressão constitui um aspecto da melancolia, infere-se que estudar a melancolia pode contribuir para a construção de um saber sobre a depressão. Conforme relata Teixeira (2007, p. 75):

Compreender a teoria freudiana da melancolia talvez seja adentrar o reino destes elementos melancólicos, que figuram na constituição do psiquismo. Ao formular estas afirmações, resta saber se os “elementos melancólicos” podem ser tomados como equivalentes da expressão “elementos os depressivos”; afinal, é possível demarcar diferença de caráter psíquico nestes elementos? Este problema pode ser resolvido se recorrermos ao registro principal destes estados – o registro da perda, entendida aqui em seu sentido mais amplo, como perda real ou ideal.

Guedes Moreira (2001) afirma que, após Freud, houve uma tendência gradativa, mas intencional, tanto no meio psiquiátrico como psicanalítico, de substituição do termo melancolia pelo termo depressão, tornando invisíveis as características distintivas da melancolia – destrutividade e sentimento de culpa – observadas na clínica psicanalítica. Assim, ocorreu uma diminuição na importância destas características como critério diagnóstico e na elaboração de métodos de intervenção (GUEDES MOREIRA, 2001).

Tal como na obra de Freud, ainda hoje são observadas divergências no tocante à distinção dos conceitos de melancolia e depressão (TEIXEIRA, 2007). Nesse cenário, observam-se duas correntes opostas que privilegiam aspectos diferentes da melancolia: a ambivalência e o narcisismo. Na primeira corrente encontram-se psicanalistas como Klein (1935, 1940, 1946), Abraham (1911, 1924), Rado (1928), entre outros, que buscam compreender a melancolia a partir do conflito entre "eu" e "supereu", bem como de elementos destrutivos e da culpa decorrente deste conflito. A segunda corrente prioriza a dimensão narcísica presente na melancolia, focando na constituição do "eu" e em eventos traumáticos revelados por meio de uma carência narcísica. Gero (1936), Bowby (1969), Sharpe (1944), entre outros, podem ser enquadrados neste grupo (TEIXEIRA, 2007).

Pinheiro, Quintella e Verztman (2010) enquadram-se na segunda corrente, relatando que a crença narcísica corresponde ao modo de subjetivação distintivo do sofrimento depressivo tal como este se configura na contemporaneidade. Segundo estes autores, a crença narcísica caracteriza-se pela introjeção de ideais de imortalidade e onipotência do “eu”, sendo instituída a partir do discurso idealizado dos pais. A interpretação de um lugar privilegiado neste discurso, por parte do *infans*, propicia a experiência subjetiva de um “eu” consistente (PINHEIRO; QUINTELLA; VERZTMAN, 2010). O sujeito cujo referencial está centrado em sua crença narcísica, encontra dificuldades em enxergar uma imagem de si que não seja idealizada e imutável, evidenciando uma relutância em elaborar a condição de transitoriedade própria da existência. Assim, o deprimido reconhece um passado glorioso, mas não é capaz de emendá-lo ao presente, nem projetá-lo no futuro. Esta imagem idealizada aparta o sujeito do circuito desejante, pois remete à onipotência do “eu” que deveria ter sido perdida em benefício de sua própria transformação (PINHEIRO; QUINTELLA; VERZTMAN, 2010).

Segundo os autores supracitados, o melancólico carece de uma imagem positivada de si, sendo que esta imagem foi construída no deprimido, entretanto, em algum momento, perdeu-se. O deprimido tem consciência do que foi perdido e resiste a essa perda, assim, pode-se afirmar que o deprimido também não realizou o trabalho de luto. O apego ao narcisismo evidencia a vulnerabilidade e a inapetência deste frente à perda e à mudança. Nesses casos, verifica-se um comprometimento do “ideal do eu”, que se identifica com o “eu ideal”, porquanto a crença narcísica é o único referencial do sujeito (PINHEIRO; QUINTELLA; VERZTMAN, 2010). Conforme exemplificado por Pinheiro, Quintella e Verztman (2010, p. 162):

O sujeito, aqui, está inscrito minimamente numa triangulação objetal, mas eximido de uma referência assimétrica capaz de sustentar um ideal no qual poderia se apoiar e abrir mão de sua própria imagem narcísica. Ele se vê na condição peremptória de construir sozinho, e para si mesmo, seus próprios valores e seus próprios ideais.

A identificação entre o “ideal do eu” e o “eu ideal” paralisa o sujeito, devido à impossibilidade deste estar à altura de seu ideal narcísico. Por conseguinte, o

deprimido vivencia um eterno presente, visto que a falta de uma referência assimétrica furta do sujeito o tempo da ação e o tempo do desejo (espera) que possibilitariam a construção de uma narrativa entre passado, presente e futuro. Diferentemente da época de Freud, na qual os referenciais eram pautados por uma imago paterna bem delimitada, o sujeito contemporâneo é lançado à tarefa de ser ele mesmo esta imago, consistindo em uma condição desencadeadora de enorme desamparo (PINHEIRO; QUINTELLA; VERZTMAN, 2010).

Neste capítulo, foram destacados aspectos históricos, socioculturais e psicodinâmicos relativos à vivência melancólica. A seguir, será apresentada a metodologia proposta por Fernando González Rey (2005), denominada Epistemologia Qualitativa.

3 CAPÍTULO METODOLÓGICO

Visando a aprofundar a compreensão acerca da vivência da melancolia na contemporaneidade, procedeu-se à análise construtivo-interpretativa das composições do cantor e compositor Renato Russo (1960-1966), uma figura contemporânea nacionalmente reconhecida por expressar os anseios e as angústias de sua geração. Conforme relatado por Alves (2002, p. 102):

Enfim, Renato Russo é alçado ao posto de alguém que, fazendo parte dessa juventude, conseguiu olhá-la de fora, detectar seus desejos e formular em suas canções uma voz para essa “maioria silenciosa”. A voz da desesperança e da desilusão.

Renato Manfredini Júnior, conhecido como Renato Russo, nasceu em 27 de março de 1960 na cidade do Rio de Janeiro. Tornou-se nacionalmente conhecido como vocalista e compositor da banda de rock Legião Urbana, representante do movimento de rock nacional surgido a partir da década de 1980 em diversas capitais brasileiras. Renato Russo era soropositivo e faleceu em 11 de outubro de 1996, aos 36 anos de idade (ALVES, 2002). Segundo Rochedo (2011, p. 69), a notícia de seu falecimento foi amplamente divulgada na mídia, visto que:

O que estava em jogo era a importância de Renato Russo e o que ele representava para diferentes gerações, muitas das canções da Legião Urbana são o marco musical das gerações brasileiras pós-oitenta, apesar de suas letras extensas e rimas complicadas.

No site de pesquisa Google, a busca pelo nome do compositor apresenta aproximadamente 9.620.000 resultados, reafirmando a atualidade de sua obra quase 20 anos após seu falecimento.

A análise de letras musicais justifica-se por se tratar de uma produção de massa que revela e produz sentidos (OLIVEIRA, 2014). As letras de músicas da geração de Renato Russo retratavam as inquietações de uma juventude que vivenciava um período de mudanças sociais, conjugadas com os dilemas próprios da adolescência e do início da fase adulta (OLIVEIRA, 2014). Os roqueiros da década de 1980 foram fiéis em

captar a nova condição do sujeito contemporâneo: perdido, inseguro e desamparado (OLIVEIRA, 2014). Conforme enunciado por Rochedo (2011, p. 20):

Estilo e gênero protagonizado por jovens que cantam, tocam e compõem para jovens, mais que uma forma de expressar as ideias da juventude em um discurso sonoro, é o meio de viver aquilo que se manifesta nas canções.

Segundo Oliveira (2014), a música apresenta-se como um dos destaques da indústria cultural da pós-modernidade, tornando-se, assim, um excelente instrumento de aproximação às diversas formas de subjetivação do sujeito contemporâneo. Nas palavras da autora acima mencionada,

As produções artísticas-culturais constituem um caminho seguro para se captar as subjetivações emergentes num dado tempo e lugar, visto que elas funcionam como expressão, como manifestação simbólica da experiência humana ou da realidade vivida (OLIVEIRA, 2014, p. 18).

Sob a perspectiva psicanalítica, a música apresenta-se como um poderoso instrumento de ordenação e canalização das pulsões, que necessitam de um trabalho de ligação e simbolização, constituindo, portanto, um “importante veículo de expressão e produção da subjetividade” (OLIVEIRA, 2014, p. 20).

Revisão bibliográfica prévia revelou a incipiente produção científica que se propõe a analisar a melancolia por meio da música. O presente trabalho utilizará, portanto, um instrumento pouco empregado, na expectativa de que este instrumento possibilite alcançar o objetivo de analisar as formas de subjetivação relativas à vivência melancólica na atualidade.

Assim, empregou-se a Epistemologia Qualitativa de Fernando González Rey como arcabouço metodológico para a análise da produção musical do compositor supracitado. A Epistemologia Qualitativa propõe-se a estudar a subjetividade. Nas palavras de González Rey (2005, p. 28),

Propomos a epistemologia qualitativa como forma de satisfazer as exigências epistemológicas inerentes ao estudo da subjetividade como parte constitutiva do indivíduo e das diferentes formas de organização social.

A Epistemologia Qualitativa fundamenta-se em três pressupostos:

a) O conhecimento é uma produção construtivo-interpretativa.

A objetividade foi estabelecida como um dos parâmetros de validação científica pela ciência tradicional. No entanto, o caráter complexo do objeto de estudo das ciências sociais dificulta a compreensão dos fenômenos psicológicos e sociais a partir deste parâmetro. Por sua vez, a epistemologia qualitativa tem como propósito a produção de conhecimento em psicologia, possibilitando a criação de teorias relativas aos diversos aspectos da subjetividade humana (GONZÁLEZ REY, 2005). Segundo González Rey (2005), a subjetividade consiste em um sistema complexo de significados e de sentidos que constituem tanto o indivíduo quanto o meio social, mantendo entre eles uma relação recursiva.

A produção construtivo-interpretativa consiste na articulação original por parte do pesquisador de diversos indicadores, de modo a conferir sentido às informações expressas por meio dos instrumentos. Não há uma relação inequívoca entre essas informações e os indicadores, visto que estes baseiam-se em informações implícitas e indiretas que apenas adquirem significado durante o processo de interpretação por parte do pesquisador. Assim, esses indicadores não possuem caráter conclusivo, consistindo, apenas, em um momento hipotético no cerne de uma produção mais ampla. Desta forma, os indicadores apresentam um caráter explicativo, adquirindo, ao longo do processo de interpretação, novos sentidos à medida que são integrados entre si e aumentando, conseqüentemente, o grau de complexidade da interpretação (GONZÁLEZ REY, 2005).

Essa produção desenvolve-se a partir das ideias geradas pelo pesquisador acerca do fenômeno estudado que não necessariamente mantém relação com o momento empírico. Sendo assim, reside neste pressuposto o aspecto verdadeiramente original da teoria, possibilitando ao pesquisador atingir novas zonas de sentido. Por zonas de sentido, entende-se a construção teórica original do pesquisador. Desse modo, a teoria vai sendo construída à medida que a pesquisa avança, evitando-se, assim, a categorização *a priori* dos fenômenos estudados. Verifica-se que na Epistemologia Qualitativa o pesquisador produz ativamente ideias, constituindo-se como sujeito intelectualmente ativo no processo de produção do conhecimento.

Ressalta-se, entretanto, que a teoria produzida pelo pesquisador corresponde a um momento no decorrer de um processo, por isso, não pretende esgotar a compreensão do fenômeno estudado (GONZÁLEZ REY, 2005).

Desse modo, a interpretação e a construção se interrelacionam em processo complexo e irregular denominado lógica configuracional, na qual o pesquisador adquire papel central (GONZÁLEZ REY, 2005).

b) o processo de produção de conhecimento apresenta caráter interativo.

Tanto os momentos formais quanto informais são igualmente relevantes na construção do conhecimento. A produção de conhecimento é ato contínuo durante a pesquisa e não está atrelada unicamente ao momento empírico. Nesse sentido, a epistemologia qualitativa evita a reificação do pesquisador e do pesquisado (GONZÁLEZ REY, 2005).

c) legitimação da singularidade como objeto de estudo.

Ao contrário das ciências positivistas, busca-se a valorização do singular e, não, dos fenômenos recorrentes entre os indivíduos, legitimando-se, assim, a utilização de estudos de caso como forma de obtenção de informação. Havendo necessidade de ampliação das zonas de sentido, para a compreensão do fenômeno estudado, pode-se recorrer a outras fontes. Assim, a Epistemologia Qualitativa orienta-se, primordialmente, para a produção de ideias, valorizando o indivíduo, e elevando-o à posição de partícipe no processo de produção de conhecimento (GONZÁLEZ REY, 2005).

3.1 Instrumentos

A supervalorização dos dados empíricos e, conseqüentemente, dos instrumentos utilizados na obtenção destes, decorre da presunção de objetividade que predomina na ciência clássica. Esses instrumentos têm como função validar os dados, conferindo-lhes credibilidade. No entanto, considerando a complexidade da natureza humana, nenhum

instrumento é capaz de mensurar todos os aspectos do ser humano (GONZÁLEZ REY, 2005). Consoante ao argumento acima explicitado, Oliveira (2014) ressalta o caráter paradoxal da música que, ao mesmo tempo em que revela o potencial de nomeação das diversas formas de configuração da subjetividade, furta-se de ser totalmente analisada e decifrada.

De acordo com os pressupostos da Epistemologia Qualitativa, a construção do conhecimento não se encontra atada ao momento empírico, por conseguinte, os instrumentos não constituem meios de legitimação dos dados. Segundo González Rey (2005, p. 79), instrumentos são “todos os procedimentos encaminhados a estimular a expressão do sujeito estudado”. Assim, podem ser utilizados na pesquisa qualitativa os mais variados instrumentos como lâminas, diálogos, redação, desenhos, análise de filmes, entre outros (GONZÁLEZ REY, 2005).

Na pesquisa em questão, as composições de Renato Russo foram utilizadas como meio de se obter acesso às expressões acerca da vivência da melancolia por parte do sujeito contemporâneo.

3.2 Cenário de pesquisa

As composições de Renato Russo foram acessadas por meio dos seguintes sites: Letras.mus.br, Vagalume e Letras.com.br. Procedeu-se, então, à análise construtivo-interpretativa das letras, utilizando-se, preponderantemente, a teoria psicanalítica no processo de integração da teoria com a informação construída.

4 CONSTRUÇÃO E ANÁLISE DA INFORMAÇÃO

A construção da informação encontra-se dividida em dois eixos teóricos. Cabe ressaltar que estes eixos não foram definidos *a priori*, ao contrário, surgiram no decorrer do processo de interpretação da informação, visando a tornar a análise e a construção da informação mais inteligível.

Assim, o primeiro eixo teórico refere-se aos fatores contextuais que propiciam a emergência de estados relativos à vivência melancólica, enquanto que o segundo discorre sobre a questão do suicídio e da perda.

4.1 Eixo teórico I – O Mundo anda tão complicado

Renato Russo retrata uma vida na qual o tempo é visto, simultaneamente, como escasso e perene. Em "Tempo Perdido" (1986), o compositor escreve sobre o tempo que passou, relatando que, apesar de este não estar mais disponível, há a possibilidade de um futuro sem horizontes, no qual o tempo nos pertence.

Todos os dias quando acordo
 Não tenho mais o tempo que passou
 Mas tenho muito tempo
 Temos todo o tempo do mundo

Na estrofe acima, vislumbra-se um tempo perene, longo o suficiente para não ser datado. Muito tempo. Todo o tempo do mundo. Um tempo, a princípio, propício à reflexão e ao trabalho psíquico. Entretanto, na próxima estrofe, o compositor relata que o tempo circunscrito ao passado é esquecido logo após ser evocado, inferindo ser este esquecimento necessário para seguir adiante.

Todos os dias antes de dormir
Lembro e esqueço como foi o dia
Sempre em frente
Não temos tempo a perder

Assim, o tempo que alinhava passado, presente e futuro é crivado, perdendo sua continuidade. Com um passado esquecido e um futuro que constitui um incessante devir, vive-se em um eterno presente. Esta vivência de um presente que não se esgota, conforme retratado na música, assinala uma temporalidade vazia, visto que não provém de uma experiência de duração, cujas lembranças são capazes de conferir relevância às vivências do sujeito (KEHL, 2007). Do contrário, o tempo é percebido como uma sucessão de instantes que não guardam significado com os instantes anteriores tampouco posteriores. Além disso, o imperativo de estar em constante movimento, conforme expresso na letra acima, remete à valorização da mudança e ao conseqüente menosprezo do passado, características da sociedade contemporânea (BAUMAN, 1998). Outro aspecto relevante refere-se à reificação do tempo, porquanto este é tratado como um objeto passível de ser perdido ou consumido. A reificação do tempo ora observada sinaliza a lógica de mercado operando, na qual tudo é passível de tornar-se mercadoria em uma sociedade de consumo (BAUMAN, 2008).

Em "O Teatro dos Vampiros" (1991), o compositor relata que em nosso mundo até o excesso não é suficiente, afirmação esta que remete ao consumismo presente na sociedade contemporânea.

Esse é o nosso mundo
O que é demais nunca é o bastante
E a primeira vez é sempre a última chance

Na atual sociedade de consumo, verifica-se o imperativo do mais-de-gozar, no qual o discurso do mercado seduz o indivíduo, fazendo-o acreditar ser possível aplacar a falta-a-ser, aprisionando-o, então, à servidão de **ter que** preencher esta falta a qualquer custo (KEHL, 2009). A sedução do mercado é engendrada por meio da oferta

de mercadorias que se propõem a suprir esta falta, objetivo inalcançável em sua origem. Disso resulta a necessidade de se ter cada vez mais, mesmo quando já se possui o bastante, na ilusão de que a próxima mercadoria preencherá, finalmente, a falta constitutiva do ser humano (KEHL, 2009). De acordo com Kehl (2009, p. 100),

Pois o que distingue a sociedade de consumo não é o fato de que todos comprem incessantemente os bens em oferta, acessíveis a poucos, mas que todos estejam de acordo com a ideia de que tanto o sentido da vida social como o valor dos sujeitos sejam dados pelo consumo.

Além do excesso, Renato Russo também retrata a falta, ao expressar que não existem segundas chances, visto que a primeira vez confunde-se com a última. Esta falta remete a uma sociedade na qual os jovens não têm oportunidades, refletida na escassez de oportunidades de empregos, conforme mostrado abaixo.

Vamos sair, mas não temos mais dinheiro
 Os meus amigos todos estão procurando emprego
 Voltamos a viver como há dez anos atrás
 E a cada hora que passa
 Envelhecemos dez semanas

Condizente com o que foi retratado acima, verifica-se que, no Brasil, o desemprego entre os jovens é historicamente mais alto em comparação com as demais faixas etárias (IPEA, 2013). As difíceis condições socioeconômicas retratadas pelo compositor aparentam ser um indicador acerca da emergência de sentimentos como desilusão e desesperança, conforme observado na estrofe seguinte.

Vamos lá tudo bem
 Eu só quero me divertir
 Esquecer dessa noite
 Ter um lugar legal pra ir

Já entregamos o alvo e a artilharia
 Comparamos nossas vidas
 Esperamos que um dia
 Nossas vidas possam se encontrar

O compositor expressa a desistência dos jovens em tentar lutar por melhores condições de vida ao afirmar que as armas dessa luta, simbolizadas pelo alvo e pela artilharia, foram depostas. A desistência demonstrada parece expressar uma visão fatalista, decorrente da falta de perspectivas sociais ou individuais (KEHL, 2008). Nesse contexto, o compositor busca o esquecimento em relação ao futuro, restando, apenas, o presente fugaz. Conforme explicita Maia (2000, p. 58),

A mutilação da rebeldia encontra páginas abertas nas canções de Renato Russo. A música é metamorfoseada em canção do exílio. A canção da geração perdida, solta em devaneios, que não tem portos de chegada porque não tem locais de saída. O sinuoso mar da pós-modernidade é difícil de navegar, mas oferece a opção de morrer tentando ser feliz hoje.

A música "Aloha" (1996) retoma a temática da desilusão e da desesperança. Logo na primeira estrofe, o compositor questiona o motivo de ninguém ver o caos em que se vive.

Será que ninguém vê
 O caos em que vivemos?

Adiante, o compositor afirma que a "Juventude sofre e ninguém parece perceber", sinalizando uma indiferença da sociedade em relação ao sofrimento dos jovens. Logo, o autor remete a um sofrimento invisível, decorrente das condições contextuais nas quais os jovens se encontram inseridos. O mundo é visto como desastroso e a vida é caótica. Nós nos encontramos sozinhos a decifrar esse enigma.

A juventude está sozinha
Não há ninguém para ajudar
A explicar por que é que o mundo
É este desastre que aí está

De forma análoga, “Há tempos” (1989) discorre acerca da desilusão, bem como do cansaço, do desamparo e da solidão.

Parece cocaína
Mas é só tristeza
Talvez tua cidade
Muitos temores nascem
Do cansaço e da solidão
Descompasso, desperdício
Herdeiros são agora
Da virtude que perdemos

Na estrofe acima, o compositor relata que o medo surge do cansaço e da solidão, assim como o desperdício e o descompasso são legatários da virtude perdida, apontando em direção a uma idealização acerca de uma época na qual os valores socialmente compartilhados promoviam um encadeamento da ação humana. Adiante, revela-se novamente a solidão, na medida em que, quem necessita de refúgio, não o encontra. Nesse contexto, só podemos contar com a sorte, o que assinala uma situação de extremo desamparo, porquanto evidencia a ausência de indivíduos dispostos a ajudarem-se.

E há tempos
O encanto está ausente
E há ferrugem nos sorrisos

Só o acaso estende os braços

A quem procura

Abrigo e proteção

Como observado, a solidão é tema recorrente nas letras de Renato Russo. Em “Esperando por mim” (1996), o compositor refere-se à solidão como o “mal do século”, indicando que esta decorre da arrogância e do autocentramento, visto que esperamos receber atenção dos demais, sem a intenção de fazer o mesmo.

O tempo todo

Estou tentando me defender

Digam o que disserem

O mal do século é a solidão

Cada um de nós imerso em sua própria arrogância

Esperando por um pouco de afeição

O autocentramento relatado na letra (“Cada um de nós imerso em sua própria arrogância) aponta em direção ao narcisismo característico de nossa sociedade, na qual “os investimentos eróticos do indivíduo estão voltados para ele mesmo.” (CHAUÍ-BERLINCK, 2008, p. 46). Observa-se que a valorização da intimidade, das inclinações e das exigências pessoais na sociedade contemporânea empurra os indivíduos para a solidão e para o desamparo (CHAUÍ-BERLINCK, 2008).

4.2 Eixo teórico II – Ainda é cedo

Estátuas e cofres

E paredes pintadas

Ninguém sabe o que aconteceu

Ela se jogou da janela do quinto andar

Nada é fácil de entender

"Pais e Filhos" (1989) retrata o episódio de uma mulher que se atirou do quinto andar de um edifício. O próprio ato de se jogar de uma janela é simbólico, pois remete à queda da cadeia significativa que caracteriza a passagem ao ato (SILVA; COUTO, 2009). Infere-se do texto que essa mulher possuía uma boa condição socioeconômica, visto que morava em um local com paredes pintadas, cofres e estátuas. Relata-se o episódio com perplexidade, na medida em que não é facilmente compreensível o motivo pela qual uma mulher com uma boa condição financeira opta por tirar a própria vida. Esta perplexidade aponta para a falta de sentido do ato, do ponto de vista daqueles que não se encontram na mesma situação. Solomon (2002) adverte que o suicídio não é lógico e que nenhuma razão encontrada realmente resolve o enigma relativo aos motivos que levam os indivíduos a acabar com a própria existência.

Dorme agora

É só o vento lá fora

Quero colo

Vou fugir de casa

Posso dormir aqui

Com vocês?

Estou com medo tive um pesadelo

Só vou voltar depois das três

Considerando o título da música, é possível supor que o suicídio foi motivado por conflitos familiares. A letra em si encontra-se repleta de ambiguidades, como demonstrado por meio de aspirações antagônicas à liberdade ("Vou fugir de casa" e "Só vou voltar depois das três"), assim como à segurança ("Quero colo" e "Posso dormir aqui, Com vocês?"). Cabe ressaltar que a ambiguidade do texto aponta para a ambiguidade presente nas próprias relações entre pais e filhos (JORDÃO, 2008).

Conforme exemplifica Jordão (2008, p. 162), quando se refere ao relacionamento entre adolescentes e seus pais,

As ambivalências são constantes. Situações infantis mesclam-se com posicionamentos e posturas adultas, num processo de progressões e regressões frequentes. Aparece o desejo de autonomia e liberdade fundidos com os temores e inseguranças decorrentes daí.

As estrofes abaixo apontam em direção a um desamparo dos filhos frente àqueles que, a princípio, deveriam ensinar e cuidar. Ao invés de cumprir estes papéis, os pais encontram-se na posição inversa, são eles que necessitam de cuidados. Evidencia-se uma falta de referencial, decorrente do enfraquecimento das relações verticais, resultando na desorientação quanto ao lugar ocupado neste cenário, conforme demonstrado no trecho no qual os autores retratam não saber onde moram, se na rua, na casa de um desconhecido ou na casa dos próprios pais. Desde a década de 1960, observa-se uma mudança relativa às relações de parentesco, que se tornaram majoritariamente igualitárias (SAVIETTO, 2007). Segundo Mayer (1997, apud SAVIETTO, 2007), essa mudança ocasionou uma crise na família, na medida em que a ambiguidade do papel dos pais é fonte de insegurança e incerteza no tocante ao desempenho destes.

Me diz por que o céu é azul

Me explica a grande fúria do mundo

São meus filhos que tomam conta de mim

Eu moro com a minha mãe

Mas meu pai vem me visitar

Eu moro na rua, não tenho ninguém

Eu moro em qualquer lugar

Já morei em tanta casa que nem me lembro mais

Eu moro com meus pais

Apesar do reconhecimento da fragilidade do lugar parental, a banda não culpabiliza os pais pela confusão na qual se encontram, como mostrado abaixo. Afirma-se que tanto os pais quanto os filhos são crianças, indicando que ambos procuram se reconhecer nesta profusão de referenciais identificatórios. Desprovido de autoridades rígidas e de referenciais e normas estáveis, o sujeito contemporâneo "é convocado a construir suas próprias referências, a elaborar as normas que regulam sua própria existência" (SAVIETTO, 2007, p. 445).

Sou uma gota d'água
 Sou um grão de areia
 Você me diz que seus pais não entendem
 Mas você não entende seus pais
 Você culpa seus pais por tudo
 Isso é absurdo
 São crianças como você
 O que você vai ser
 Quando você crescer

A música "Dezesseis", lançada em 1996, também retrata um suicídio, mas só que dessa vez, o ato é encoberto por um acidente automobilístico. A letra narra a história de João Roberto, conhecido como Johnny, um garoto de apenas dezesseis anos que se envolve em um racha na curva do diabo em Sobradinho, também denominada estrada da morte.

Mas de uns tempos pra cá
 Meio sem querer
 Alguma coisa aconteceu

A letra relata que Johnny estava diferente do usual, mas esta mudança pouco foi percebida pelas pessoas que conviviam com ele ("Johnny andava meio quieto demais", "Só que quase ninguém percebeu"), indicando que o indivíduo que decide tirar a própria

vida demonstra de alguma forma sua intenção, mesmo que não seja claramente perceptível para os demais. Solomon (2002) relata que a maior parte dos suicídios causa bastante surpresa, apesar de uma considerável quantidade desses indivíduos estar em acompanhamento psiquiátrico quando tira a própria vida. A estrofe abaixo indica que, apesar de parecer algo sem propósito realizar o racha em um local aparentemente perigoso, Johnny sabia o que estava fazendo, como demonstrado por meio de seu sorriso estranho e da firmeza quanto à escolha do local, apontando para uma premeditação do ato.

Johnny estava com um sorriso estranho
Quando marcou um super pega no fim de semana
Não vai ser no Caseb
Nem no Lago Norte, nem na Unb

As máquinas prontas
Um ronco de motor
A cidade inteira se movimentou

E Johnny disse:

"- Eu vou prá curva do Diabo em Sobradinho e vocês ?"

E os motores saíram ligados a mil
Pra estrada da morte o maior pega que existiu
Só deu para ouvir foi aquela explosão
E os pedaços do Opala azul de Johnny pelo chão

Adiante, a decisão de Johnny torna-se mais inteligível quando é inferido que o garoto pode ter cometido suicídio devido a uma desilusão amorosa, o que aponta em direção a um luto mal elaborado. No caso de Johnny, é possível inferir que a agressividade frente ao objeto de amor perdido foi dirigida ao "eu", inferência esta que encontra ressonância nas palavras de Freud (apud SOLOMON, p. 327, 2002) quando o

autor argumenta que “o suicídio é muitas vezes um impulso assassino de uma pessoa contra outra, desferido pela própria pessoa contra si mesma.”.

E até hoje, quem se lembra
 Dizem que não foi o caminhão
 Nem a curva fatal
 E nem a explosão

Johnny era fera demais
 Pra vacilar assim
 E o que dizem é que foi tudo
 Por causa de um coração partido

Enquanto que “Pais e Filhos” e “Dezesseis” retratam dois suicídios, “Clarisse” (1997) narra a história de uma adolescente de quatorze anos que se aproxima demasiadamente da corrente suicidógena, conforme explicitado por Durkheim (SILVA; COUTO, 2009). Clarisse não chega ao ponto de cometer suicídio, mas encontra, na automutilação, uma forma de aliviar as dores que sente, direcionando para si a agressividade que a constitui, tal como ocorre no ato suicida.

E Clarisse está trancada no banheiro
 E faz marcas no seu corpo com seu pequeno canivete
 Deitada no canto, seus tornozelos sangram
 E a dor é menor do que parece
 Quando ela se corta ela se esquece
 Que é impossível ter da vida calma e força

A estrofe acima assinala que Clarisse não obtém sucesso em manter a calma e em ser forte, o que lhe ocasiona considerável sofrimento. Observa-se, assim, um

desacordo entre a forma como Clarisse acredita que deveria ser e como ela efetivamente é, indicando a emergência de um sentimento de inapetência perante os obstáculos.

Viver em dor, o que ninguém entende
 Tentar ser forte a todo e cada amanhecer
 Uma de suas amigas já se foi
 Quando mais uma ocorrência policial
 Ninguém me entende, não me olhe assim
 Com este semblante de bom-samaritano
 Cumprindo o seu dever, como se eu fosse doente
 Como se toda essa dor fosse diferente, ou inexistente

Nada existe pra mim, não tente
 Você não sabe e não entende

Verifica-se na estrofe acima que Clarisse abriga uma dor constante decorrente do fato de não conseguir ser forte perante as situações de perda que vivenciou. Essa dor psíquica é vivenciada como excesso, que é descarregado por meio da automutilação. A dor ininterrupta de Clarisse torna-se invisível ao olhar do Outro, porquanto não é mais novidade. Além disso, verifica-se um sentimento de desamparo e de solidão decorrente da invisibilidade do seu próprio sofrimento, da qual resulta a desilusão e a falta de esperança no futuro, conforme mostrado abaixo.

A falta de esperança e o tormento
 De saber que nada é justo e pouco é certo
 De que estamos destruindo o futuro
 E que a maldade anda sempre aqui por perto

A violência e a injustiça que existe
Contra todas as meninas e mulheres
Um mundo onde a verdade é o avesso
E a alegria já não tem mais endereço

E quando os antidepressivos e os calmantes não fazem mais efeito

Clarisse sabe que a loucura está presente
E sente a essência estranha do que é a morte
Mas esse vazio ela conhece muito bem

De quando em quando é um novo tratamento

Mas o mundo continua sempre o mesmo
O medo de voltar pra casa à noite
Os homens que se esfregam nojentos
No caminho de ida e volta da escola

Clarisse encontra-se em uma situação de vulnerabilidade psicossocial devido às diversas formas de violência que vivencia cotidianamente, contra as quais se sente impotente para reagir, indicando um contexto que favorece a emergência de um estado depressivo. O uso de antidepressivos não preenche a falta que Clarisse sente, falta que remete à morte e à loucura, por ela não completamente desconhecidas. Segundo Solomon (2002), não há uma relação de causalidade entre depressão e suicídio. Muitos depressivos podem nunca cometer suicídio, enquanto que indivíduos não depressivos se matam.

Mesmo um novo tratamento não modifica esta situação, visto que a realidade social na qual Clarisse se encontra inserida permanece a mesma. Assim, é possível afirmar que Clarisse vivencia situações consideradas traumáticas, furtando-se, assim, à simbolização (MACEDO; WERLANG, 2007). A compulsão à repetição que impulsiona Clarisse a cortar-se teria como objetivo, portanto, criar uma representação dessas

vivências (MACEDO; WERLANG, 2007). Nas palavras de Macedo e Werlang (2007, 102),

Dor, compulsão à repetição se confundem na busca de dar fim a algo que atormenta o sujeito. A desesperança é a companheira e motor de combustão para a busca de fim.

Neste capítulo, foram analisadas as diversas formas de subjetivação relativas à vivência melancólica retratadas na produção musical da banda Legião Urbana. A seguir, serão apresentadas algumas considerações finais derivadas da análise e construção da informação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificamos que as letras analisadas refletem condições culturais e socioeconômicas específicas e, por conseguinte, retratam as relações entre os indivíduos nesta sociedade. Considerando o exposto acima, é possível levantar a hipótese de que fatores contextuais descritos nas letras analisadas como a efemeridade do tempo, a desilusão em relação ao futuro, exposta por meio da falta de oportunidade de empregos, a violência urbana, a visão negativa do mundo, assim como o desamparo e a solidão, constituem indicadores que apontam para a existência de um mal-estar na sociedade. Este mal-estar remete ao vazio sobre o qual se queixa o indivíduo contemporâneo, estreitamente relacionado aos diversos estados depressivos, bem como à melancolia, tal como configurados na atualidade. Oliveira, Resstel e Justo (2014), citando Birman (2006), relatam que o vazio é insígnia do sujeito contemporâneo e deriva da sensação de insegurança estrutural que vivenciamos. Esta insegurança é sinalizada nas letras acima quando Renato expõe que “os assassinos estão livres, nós não estamos”, “a primeira vez é sempre a última chance”, “Não há ninguém para ajudar” e “O tempo todo estou tentando me defender”, assim como em outros momentos de sua obra. Segundo Peres (2003), sentimentos de insegurança e desamparo, evidenciados em épocas de grande modificação social, nas quais ocorrem significativas alterações nas relações entre o homem e a sociedade, propiciam o surgimento de formas de subjetivação como a melancolia. Estes sentimentos também foram expressos nas letras que relataram episódios de suicídio e perda, reafirmando a prevalência destes na atualidade.

Observamos, também, que a análise de letras musicais demonstrou ser uma estratégia eficiente para acessar expressões do sujeito contemporâneo relacionadas à vivência melancólica na atualidade, propiciando um rico diálogo com a literatura sobre o tema.

Cabe ressaltar que Renato Russo presenciou o momento de redemocratização brasileiro, época de muitas esperanças quanto ao futuro do país. Entretanto, muitas destas esperanças foram frustradas, especialmente para os jovens que acreditavam em uma mudança radical de paradigmas. Renato viveu, então, em uma época na qual a

desilusão e a esperança conviveram, sendo que esta última também foi representada em diversas canções de sua banda como “Mais uma vez”, “Monte Castelo”, “Quando o sol bater na janela do teu quarto”. Mas este é tema para um próximo trabalho.

REFERÊNCIAS

ALVES, Luciano Carneiro. **Flores no deserto: a Legião Urbana em seu próprio tempo**. 2002. 150f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=18951>. Acesso em: 14 set. 2015.

BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-estar da pós modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BERLINCK, Manoel Tosta; FÉDIDA, Pierre. A clínica da depressão: questões atuais. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 9-25. 2000. Disponível em: <http://www.fundamentalpsychopathology.org/uploads/files/revistas/volume03/n2/a_clinica_da_depressao_questoes_atuais.pdf>. Acesso em: 14 set. 2015.

CHAUÍ-BERLINCK, Luciana. Melancolia e Contemporaneidade. **Cadernos Espinosanos XVII**, São Paulo, v. 18. 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/epinosanos/article/view/89331/92206>>. Acesso em: 14 set. 2015.

FERREIRA, Silvana A. T. A evolução do conceito de depressão no século XX: uma análise da classificação da depressão nas diferentes edições do manual diagnóstico e estatístico da associação americana de psiquiatria (DSMS) e possíveis repercussões destas mudanças na visão de mundo moderna. **Revista Hospital Universitário Pedro Ernesto**, Rio de Janeiro, v.10, n. 2, abril/jun. 2011. Disponível em: <http://revista.hupe.uerj.br/detalhe_artigo.asp?id=117>. Acesso em: 14 set. 2015.

FERREIRA, Rayanne Cordeiro; GONÇALVES, Charlisson Mendes; MENDES, Patrícia Guedes. Depressão: do transtorno ao sintoma. **Psicologia.com.pt**, v. 1, p. 1-16. 2014. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0828.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2015.

FREUD, Sigmund. **Mal-estar na civilização (1930)**: obras completas. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 18. Tradução de Paulo César de Souza.

FREUD, Sigmund. **Luto e Melancolia (1917)**: obras completas. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 12. Tradução de Paulo César de Souza.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões**. São Paulo: Boitempo, 2009.

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

GUEDES MOREIRA, Ana Cleide. A melancolia na obra de Freud: um Narciso sem [des]culpa. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 4, n. 4, p. 92-102, dez. 2000. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=233017674007>>. Acesso em: 14 set. 2015.

MERCADO de trabalho: conjuntura e análise. 2013. Brasília: Ipea; MTE, 2013. ano 18. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/mercadodetrabalho/bmt54_completo1.pdf>. Acesso em: 14 set. 2015.

MACEDO, Mônica Medeiros Kother; WERLANG, Blanca Susana Guevara. Trauma, dor e ato: o olhar da psicanálise sobre uma tentativa de suicídio. **Ágora**, Rio de Janeiro, v.10, n. 1, p. 86-106, jan/jun. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s1516-14982007000100006&script=sci_arttext>. Acesso em: 14 set. 2015.

MAIA, Cristiano Escobar. **Nossa geração perdida**. Itajaí: Editora da UNIVALI, 2000.

OLIVEIRA, Adriana Aparecida Almeida de. **A vida nunca esteve tão insuportável: reflexões sobre o tédio contemporâneo e as músicas de rock da década de 80**. 2014. 151f. Dissertação (mestrado) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/110678>>. Acesso em: 14 set. 2015.

OMS. **Depression: A Global Public Health Concern**. 2012. Disponível em: <http://www.who.int/mental_health/management/depression/en/>. Acesso em: 14 set. 2015.

PERES, Urania Tourinho. **Depressão e melancolia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

PORTO CAMPOS, Tatiana Silvera. **Clínica psicanalítica na contemporaneidade**. 2008. 99 f. Dissertação (Mestrado) – Mestrado Profissional em Psicanálise, Saúde e Sociedade, Subjetividade nas Práticas das Ciências da Saúde, Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <http://www.uva.br/mestrado/dissertacoes_psicanalise/18_TATIANA_SILVERA_PORTO_CAMPOS-A_Clinica_Psicanalitica_na_Contemporaneidade.pdf>. Acesso em: 14 set. 2015.

PINHEIRO, Maria Teresa da Silveira; QUINTELLA, Rogerio Robbe; VERZTMAN, Julio Sergio. Distinção Teórico-clínica entre depressão, luto e melancolia. **Psicol. clin.**, Rio

de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 147-168. 2010. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652010000200010>.
Acesso em: 14 set. 2015.

RUSSO, Renato. **Tempo perdido**. Rio de Janeiro: EMI, 1986. 1 CD.

RUSSO, Renato; Villa-Lobos, Dado; BONFÁ, Marcelo. **Há Tempos**. Rio de Janeiro: EMI, 1989. 1 CD.

RUSSO, Renato; Villa-Lobos, Dado; BONFÁ, Marcelo. **Pais e Filhos**. Rio de Janeiro: EMI, 1989. 1 CD.

RUSSO, Renato; Villa-Lobos, Dado; BONFÁ, Marcelo. **O Teatro Dos Vampiros**. Rio de Janeiro: EMI, 1991. 1 CD.

RUSSO, Renato; Villa-Lobos, Dado; BONFÁ, Marcelo. **Aloha**. Rio de Janeiro: EMI, 1996. 1 CD.

RUSSO, Renato; Villa-Lobos, Dado; BONFÁ, Marcelo. **Dezesseis**. Rio de Janeiro: EMI, 1996. 1 CD.

RUSSO, Renato; Villa-Lobos, Dado; BONFÁ, Marcelo. **Esperando por Mim**. Rio de Janeiro: EMI, 1996. 1 CD.

RUSSO, Renato; Villa-Lobos, Dado; BONFÁ, Marcelo. **Clarisse**. Rio de Janeiro: EMI, 1997. 1 CD.

ROCHEDO, Aline do Carmo. 2011. 152 f. **Os filhos da revolução: A juventude urbana e o rock brasileiro dos anos 1980**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011. Disponível em:
<<http://www.historia.uff.br/stricto/td/1525.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2015.

SAMPAIO, Denise Teodoro. A depressão como mal-estar na civilização. **Revista Labirinto (UNIR)**, Rondônia, n. 17, p. 106-120, dez. 2012. Disponível em:
<<http://www.periodicos.unir.br/index.php/LABIRINTO/article/viewFile/969/1017>>. Acesso em: 14 set. 2015.

SANTA CLARA, Carlos José da Silva. Melancolia: da antiguidade à modernidade: uma breve análise histórica. **Mental**, Barbacena, v. 7, n. 13. 2009. Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272009000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 set. 2015.

SCLIAR, Moacyr. **Saturno nos trópicos: a melancolia europeia chega ao Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Liliâne M. A; COUTO, Luis Flavio. A questão do suicídio: algumas possibilidades de discussão em Durkheim e na Psicanálise. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 61,

n. 3, dez. 2009. Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672009000300007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 set. 2015.

SOLOMON, Andrew. **O demônio do meio-dia: uma anatomia da depressão**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

TAVARES, Leandro Anselmo Todesqui. **A depressão como mal-estar contemporâneo: medicalização e (ex)-sistência do sujeito depressivo**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/109146>>. Acesso em: 14 set. 2015.

TEIXEIRA, Marco Antônio Rotta. 2007. 186 f. **A concepção Freudiana de melancolia: elementos para uma metapsicologia dos estados da mente**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2007. Disponível em:
<http://base.repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/97640/teixeira_mar_me_assis.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 14 set. 2015.

TEIXEIRA, Marco Antônio Rotta. Melancolia e depressão: um resgate histórico e conceitual na psicanálise e na psiquiatria. **Revista de Psicologia da UNESP**, Assis, v. 4, n. 1, p. 41-56. 2005. Disponível em:
<<http://www2new.assis.unesp.br/index.php/revista/article/viewFile/31/57>>. Acesso em: 14 set. 2015.